

**O DOENTE IMAGINÁRIO:
ASPECTOS DE UMA TRADUÇÃO TRANSCULTURAL**

Humberto de Freitas Espeleta (UFAC)
lindinalvamessias@yahoo.com.br

Traduzir *Le Malade Imaginaire*, de Molière para sua leitura como um texto literário e com finalidade de montagem de um espetáculo teatral põe em perspectiva sua recepção no Brasil de hoje com suas muitas regiões de múltiplas realidades. O Acre é uma dessas regiões, cuja realidade tem características muito particulares devido a aspectos geográficos, históricos e sociais que lhe definiram uma cultura exclusiva dentro de nossa nacionalidade. Nossa proposta é traduzir esse texto considerando a história, a economia, a linguagem, numa palavra a cultura acriana. Nossa pesquisa pretende também identificar as marcas culturais permitem reconhecer e afirmar a existência de um interculturalidade francesa e brasileira presente nas línguas francesa e portuguesa e na constituição da literatura e da dramaturgia nacional.

No que diz respeito aos recursos da informática, nos utilizamos das facilidades oferecidas pelos editores de texto, tal o *word*. Mas é a internet a melhor ferramenta para pesquisa e arrolamento de material de fonte para nosso trabalho, desde a utilização de textos literários integrais para leitura e sua edição com finalidades didáticas e de tradução preliminar com utilização dos tradutores eletrônicos livres, como é o caso do tradutor de textos e páginas da *web Babel Fish*. A eficiência desses recursos não atingindo uma porcentagem satisfatória, serve de pretexto ao professor de francês para orientar seus alunos falantes do português no estudo e na aquisição de conhecimentos linguísticos e da sofisticação dos conhecimentos de língua francesa já adquiridos por estudantes do nível intermediário e do nível avançado.

Há na internet muitos sítios que disponibilizam vídeos dramaturgicos, dentre os quais o mais popular é o Youtube. Nesse sítio é possível ver inúmeras versões de encenações teatrais de *Le Malade Imaginaire*, com adaptações em francês do texto de Molière, dramaturgicamente editados de propósito, ou por improvisos de encenação

a que o ator fica sujeito, por esquecer as palavras do texto, e também por outras razões. Esse material é útil para o aprimoramento fonético e fonológico por oferecer excelente recurso para o treinamento auditivo na distinção de sons em língua francesa. Esse conhecimento cientificamente fundamentado bem amadurecido constitui um conhecimento imprescindível para a tradução e a transposição para o português de um texto artístico, no qual os valores fonéticos e fonológicos sejam parte incontestável de produção de sentido.

Quando os vídeos são de encenações em português de textos franceses, isso nos permite o estudo do vocabulário sem a necessidade, em primeira mão, dos dicionários, permite também verificar qual palavra melhor traduz o sentido original do texto quando ele é utilizado para o ensino-aprendizagem. Serve ainda para verificar qual é a melhor transposição para o português na construção de uma tradução de um texto que deverá ser dito em cena numa representação teatral. Nessa instância do trabalho percebem-se problemas de fidelidade ao texto original, de originalidade estética e ética na produção da tradução, da transculturalidade na tradução, e, naturalmente, de autoria.

Pensamos ser a tradução também uma questão de “Simbolização referencial”. Patrick Charaudeau exemplifica esse conceito a partir da frase “Fecha a porta”, a qual ele desdobra em algumas de suas possíveis paráfrases, concluindo nos seguintes termos a explicação:

A produção dessas paráfrases estruturais permite que se efetue na linguagem um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido, que remete à realidade que nos rodeia (atividade referencial), conceituando-a (atividade de simbolização). É por isso que vamos nomeá-la Simbolização referencial (CHARAUDEAU, 2008, p. 24 e 25).

Algo semelhante acontece quando tentamos encontrar a melhor opção de tradução, como é o nosso interesse, do francês para o português de uma palavra, de uma expressão, de uma frase ou oração. A solução encontrada, muitas vezes, assemelha-se de fato aos procedimentos de parafraseamento. No meu texto, sobre tradução transcultural, proposto para ser publicado na revista *Synergies* em 2010, escrevo: “Entre os aspectos para a viabilização de nossas intenções estão aqueles que melhor identificam o falar popular, e sempre que couber, com o falar local, assim, no ato I, cena II de *Le Malade Imaginaire* (...)”. Na fala em que Argan diz: “Tais-toi donc, co-

quine, que je te querelle", uma tradução possível é "Cale-se, bandida, que eu a estou prendendo". Essa possibilidade

não é tão satisfatória, pois aí se anunciam alguns problemas linguísticos de difícil solução, por envolver aspectos discursivos tanto da ordem dos níveis da linguagem, quanto da fidelidade ao sentido ou aos sentidos originais do texto de partida, quanto ao registro desses textos que se pretendem firmar, seja como literatura seja como texto cênico para ser dito para os diferentes públicos de teatro.

O termo *coquine*, significa *vaurien*, que na linguagem comum³⁰, no *Dictionnaire des Synonymes*, de Henri Bénac "é palavra injuriosa para denominar uma pessoa desprezível". O dicionário Petit Robert define *coquin, ine*³¹ como uma pessoa capaz de ações censuráveis. Na lista de sinônimos dos dois dicionários há em comum o vocábulo *bandit*, o qual decidimos adotar como referência para o correspondente feminino *bandida*.

As escolhas de tradução devem recorrer ao sentido usual em português do termo francês, segundo as experiências linguísticas emotivas de cada tradutor, no sentido da familiaridade contextual, segundo o meio social em que ele conheceu o termo utilizado na tradução. Assim, o adjetivo *bandido*, que em português significa "indivíduo que pratica atividades criminosas", segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (disponível em <http://houaiss.uol.com.br>, 17 set. 2009), quando empregado familiarmente, pode ganhar contornos de sentido bem menos objetivos, nem sempre registrados nos dicionários.

No que diz respeito à linguagem - no tocante ao ensino de francês, ao texto dramático e à sua tradução do francês para o português - surge o problema das "diferentes atitudes diante da linguagem" (CHARAUDEAU, 2008, p. 16-21). O texto dramático, mesmo que antes de ser dito seja escrito, geralmente parte de um emissor para um receptor ideal, aquele que partilha conhecimentos com o emissor. Nessa afirmação estamos pensando especialmente em Molière de *Le Malade Imaginaire*, escrito no século XVII para

³⁰ "Dénomination méprisante et injurieuse dans le langage commun". (BÉNAC, 1951, p. 190).

³¹ Tratante, bandido, canalha. 2 traquinas, malandro. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2009.

um público daquele contexto social e histórico, e para um espetáculo dirigido e encenado no papel principal pelo próprio Molière, o que assegura o máximo possível de transparência à linguagem.

Pode-se considerar que nessa instância cronológica o sujeito produtor do texto é um sujeito social que se destaca, quanto à construção de alguns dos sentidos, como um sujeito individual. Isso cria a hipótese da existência de sujeitos híbridos, ou talvez, haja aí, uma situação estabelecida *Paradoxalmente*³², porque nessa situação artística, "esses seres de fala não são nem individuais nem sociais" (CHARAUDEAU, 2008, p. 16), mas personagens a quem o autor dá voz.

O mesmo texto, quando encenado num contexto diferente do contexto de Molière, pode mais facilmente ser concebido como *não transparente* (CHARAUDEAU, 2008, p. 19). No nosso século e no nosso contexto social e histórico o distanciamento é evidente, e, portanto, emissor e receptor estão mais claramente distanciados, inclusive pelas línguas, uma vez que nem todo brasileiro sabe francês e só possa tomar conhecimento de Molière por meio de traduções. A intencionalidade do emissor fica totalmente ofuscada por todas essas circunstâncias.

No que diz respeito à definição de linguagem, Charaudeau nos lembra que

Algumas teorias, considerando que a linguagem é um fenômeno existente em si e representativo da organização do mundo, têm como objetivo procurar saber do que fala a linguagem, isto é: qual é o mundo já organizado que se encontra por trás da linguagem. /.../ Outras teorias – considerando que a linguagem é um fenômeno que se dá somente na circunstância particular que a produz, que é testemunha não somente do mundo, mas das condições que presidem a sua construção – que têm como objetivo procurar saber como fala a linguagem, isto é: como a significação é significada. Tais teorias consideram, por essa razão, que o sujeito está no centro da linguagem (CHARAUDEAU, 2008, p. 19).

Charaudeau, para encerrar sua explanação sobre essas duas concepções de linguagem cita as seguintes palavras de Michel Foucault:

³² "Paradoxalmente" porque a maioria das teorias linguísticas define a Língua como testemunha (*sic*) do sujeito social e o Discurso como testemunho do sujeito individual. (CHARAUDEAU, 2008, p. 16).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Não explicar o discurso como um jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo volte para nós uma face legível que teríamos somente que decifrar; ele não é cúmplice do nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva... (CHARAUDEAU, 2008, p. 19).

Isso parece ser a negação da autoria (aquele que decifra o mundo não é autor de nada), e ao mesmo tempo parece ser sua afirmação ao reconhecer que temos nosso próprio conhecimento do mundo.

Claro que aqui a análise dessa situação linguística e literária para a construção da tradução para o português do texto dramático *Le Malade Imaginaire*, de Molière, é bastante superficial, pois é necessário muito mais espaço e tempo para um melhor aprofundamento. Mesmo assim é já reflexão sobre as questões de ensino-aprendizagem com recurso às técnicas dramáticas, à informática, às técnicas de tradução e à Análise do Discurso nos seus aspectos semi-linguísticos e da organização do discurso, assuntos que ainda estamos investigando.

Essa pequena amostragem do problema que um empreendimento como esse coloca, obriga e obrigou também a leitura de alguns títulos sobre as teorias da tradução em busca de caminhos que apontassem para alguma solução possível, para a tradução da peça de Molière em questão. Para tanto recorremos a alguns títulos acerca do assunto, desde aqueles que são especificamente da área de interesse da Linguística Aplicada, da Pesquisa linguística e da tradução e da interpretação, como é o caso de John Cunnison Catford, com seu livro *Uma Teoria Linguística da Tradução*, até aqueles que são especificamente de interesse da área de Tradução e Interpretação, como é o caso de John Milton com seu livro *Tradução: Teoria e Prática*, e também de Maria Cristina Batalha e Geraldo Pontes Jr com seu livro *Tradução*, além de entre outros, Adriana Pagano, Célia Magalhães e Fábio Alves com seu livro *Traduzir com Autonomia: Estratégias Para o Tradutor em Formação*.

No entanto, embora todas essas leituras deem algumas bases para nossos estudos, temos trabalhado muito mais empiricamente e procurando seguir e desenvolver um método que atenda nosso interesse em realizar a tradução transcultural para o português de *Le Malade Imaginaire* a partir da leitura para a busca de um texto que tenha as características de um texto literário atualizado para sua leitura

hoje no Brasil, segundo a linguagem do português moderno do Brasil, mas com uma tônica que o identifique com a produção textual amazônica. Em seguida e concomitantemente, elaborar um texto espetacular para a representação de *Le Malade Imaginaire*, que tenha uma identidade com o modo de falar, dizer e interpretar próprias da Amazônia Sul Ocidental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio. (Org.). *Teoria da relevância e tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2001.

BATALHA, Maria Cristinha e PONTES JR, Geraldo. *Tradução*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BÉNAC, Henri. *Dictionnaire des synonymes*. Paris: Hachette, 1956.

CATFORD, John Cunnison. *Uma teoria linguística da tradução*. Trad. do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução: Angela M. S. Correa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CONESA, Gabriel *Le malade imaginaire, de Molière*. Disponível em: <http://www.toutmoliere.net/2008/oeuvres/maladeim/index.html>. Acesso em: 21 ago. 2009.

_____. Note Sur la Présente Édition. In: MOLIÈRE. *Le malade imaginaire*. Disponível em: www.toutmoliere.net/oeuvres/index.html. Acesso em: 13 jan. 2008.

CORMANSKI, Alex. *Techniques dramatiques: activités d'expression orale*. Paris: Hachette, 2005.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAGANO, Adriana (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PAGANO, Adriana, MAGALHÃES, Célia e ALVES, Fábio. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2006.

PAVIS, Patrice. *Teatro no cruzamento de culturas*. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ROBERT, Paul. *Petit Robert I: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française*. Paris: Société du Nouveau Littré, 1981.